

## EDITORIAL

Filomena Vasconcelos

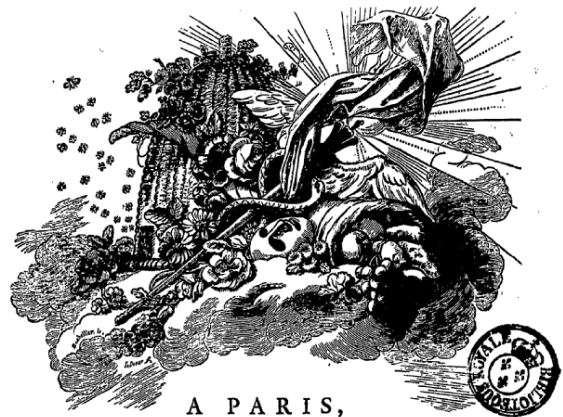
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

“Le goût des Arts, et l’amour de Lettres, ont produit cette magnifique Édition.(... ) cette entreprise a été faite uniquement pour la gloire de la Nation”.

Estas são as palavras de abertura do editor de *Fables Choisies* de La Fontaine, na edição de 1755, que assenta na versão elaborada entre 1668 e 1694, dedicada ao Delfim, filho de Luis XIV. São quatro volumes, em formato *in-folio*, incluindo ilustrações em 276 quadros (e não vinhetas) da autoria de M. Oudry, pintor do rei e professor da Academia Real Francesa de Pintura. Foi o Tomo I desta coletânea uma das inúmeras raridades que vimos expostas na Mostra dos “Tesouros Bibliográficos da U Porto”, patente de setembro a novembro na Biblioteca Municipal Almeida Garrett. Desde finais do século XV, em 1493, com a *Crónica de Nuremberga* (o precioso incunábulo da U Porto), até ao *e-book* do século XXI, a história do livro impresso, da leitura e da transmissão dos saberes, surgiram ante os

nossos olhares como presenças inalienáveis de uma existência humana que só se conhece, reconhecendo-se, na eterna escrita que cruza na memória dos textos as linhas do seu passado com os sinais ainda incertos e incógnitos do seu presente. Este foi sempre o papel da literatura na história dos homens, mesmo quando fingiu recusá-lo: o papel de dizer as coisas, contar-lhes a história, ou dramatizá-la, ao jeito trágico ou cómico, tragicómico, também, cantar em poema as emoções da alma, ou as razões do coração... e tudo isto para que os homens e as mulheres

# FABLES CHOISIES, MISES EN VERS PAR J. DE LA FONTAINE. TOME PREMIER.



A PARIS,

Chez { DESAINT & SAILLANT, rue Saint Jean de Beauvais.  
DURAND, rue du Foin, en entrant par la rue S. Jacques.

M. DCC. LV.

De l'Imprimerie de CHARLES-ANTOINE JOMBERT.

aí pudessem ver-se em claro reflexo e se apreendessem em contornos mais nítidos na humanidade possível da sua condição imperfeita de seres mortais, vagueando entre sombras pela estranheza do mundo . Porque a literatura, por ser arte, essa crê-se imortal. Mais: crê-se farol que alumia e guia quem por ela se deixa guiar. *Aut prodesse... aut delectare...* da célebre fórmula horaciana do *utile* e do *dulce*, identifica justamente esta relação umbilical da palavra literária com a natureza das coisas e do homem, na afinidade que a aprendizagem do saber tinha, para Aristóteles, com a imitação: não cópia nem plágio. “Útil” não se define, pois, na visão do utilitarismo pragmático oitocentista, mas é antes valor de um conhecimento desinteressado, que, por assim ser, estreita laços com a noção de “deleite”, o prazer estético originário na fruição do belo através da leitura. *Utile* e *dulce*, como conceitos complementares e não antagónicos, permanecem como eixos de centralidade, no âmago mais profundo do que ainda hoje legitima a literatura no seio das sociedades e das culturas, apesar das metamorfoses ideológicas advindas de posteriores teorias epistemológicas e poéticas, sobretudo a partir das correntes românticas do século XIX.

Num dos limites mais notáveis deste contexto se entende a fábula, na tradição de Esopo, como história de recorte alegórico, servida tradicionalmente do disfarce animal – como, de resto, as “mascaradas” do teatro também o faziam – para denunciar os vícios e as fraquezas da natureza humana. Sublinha-se a dimensão marcadamente exemplar, didática e moralizante das pequenas histórias que se destinavam à leitura de um público adulto, e não especificamente de crianças. A ideia de uma literatura infantil ou juvenil é uma invenção dos finais oitocentista, quando o estatuto psicossociológico da criança começa a ganhar um peso significativo na cultura ocidental e se deixa para trás a imagem do “adulto em miniatura” que Dickens celebrizou, denunciando.

Ao longo de quatro anos, em oito números, a *e-f@bulations*, num formato exclusivamente digital, que lhe proporciona uma distribuição e divulgação globais pelas múltiplas redes e portais da internet, procurou ir ao encontro deste conceito mais amplo de literatura que, muito embora se centre num universo de referências e interesses comuns aos mais jovens, se dirija ao seu imaginário nos contos inéditos e ilustrações originais que tem publicado, é antes de mais e intrinsecamente literatura. Define-se por aquilo que é, qualitativamente, enquanto discurso que se distingue de outros discursos pela sua especificidade, estética/poética, não pelo destinatário. Um discurso artístico, por isso mesmo, e necessariamente, “artificial”.

Assim, têm passado pelos vários números da revista, honrando as suas páginas nestes últimos quatro anos, nomes de escritores que, só por si, dispensam qualquer apresentação: Ana Luísa Amaral, Jorge Marmelo, José Viale Moutinho, Nuno Júdice, Manuel António Pina, Rui Zink, José Jorge Letria, entre outros, incluindo estrangeiros, como a poeta americana Anka Vlassopolos.

Além disso, temos contado com a colaboração generosa e constante da pintora e ilustradora Evelina Oliveira, como bem o atestam muitas das inúmeras ilustrações originais publicadas nos vários números da revista, que redimensionam em imagem aquilo que as palavras, em seu ser abstrato, nos querem dar à imaginação.

Quisemos igualmente ir ao encontro de diretrizes que têm pautado os objetivos e realizações da U Porto, no âmbito da transversalidade interdisciplinar dos saberes numa cultura de internacionalização que, por seu turno, é igualmente comum à cidade e ao espírito cosmopolita, de uma identidade própria, que além fronteiras a têm reconhecido e prestigiado. Das artes e letras, passando pelo filme de curta-metragem, das ciências sociais à arquitetura urbanística, da biologia à bio-medicina e à bio-arte, da astrofísica à ficção científica, tudo tem feito parte do mesmo conceito aglutinador da *e-f@bulations* que, em gênese, contempla a natureza do conhecimento e da sua representação na dimensão essencial do “efabular”. Efabular é narrar, é representar algo, dá-lo de novo num outro, e é igualmente representar-se, ou seja, dar-se a si próprio no outro de si, em reflexo. De resto, é próprio da visão só dar os objetos em imagem reflexa e nunca em si próprios. Só vemos o que está ao alcance dos olhos, perante nós, em imagem espelhada. Logo, é próprio do ver, representar ou tornar a apresentar. Semelhante à ficção ou à fábula. É este o sentido do fingimento endógeno que assiste a todo o nosso saber, e a que Platão sabiamente se referiu ao tratar dos diversos planos de entendimento do real.

Ainda breves palavras de agradecimento.

Ao Senhor Reitor da U Porto, Prof. Doutor Marques dos Santos, pela honra que nos dá em participar neste número especial da *e-f@bulations*, ligado ao Centenário da nossa Universidade, na evocação da Exposição dos “Tesouros Bibliográficos”.

À Senhora Vereadora do Pelouro do Conhecimento e Coesão Social da Câmara Municipal do Porto, Prof. Doutora Guilhermina Rego, que igualmente nos honra na revista com o seu depoimento, felicitando-a pelo acolhimento e disponibilidade de meios que, nas suas funções municipais ligadas à Biblioteca Almeida Garrett, soube dar ao evento da Mostra.

Ao Prof. Doutor Valente de Oliveira, Presidente da Comissão do Centenário da U Porto, que generosamente também aceitou colaborar neste número com um texto de sua autoria. Foram os seus esforços conjugados com o grande empenho e trabalho aturado do Comissariado da Exposição, a Dr<sup>a</sup> Isabel Pereira Leite, o Dr. João Leite e a Dr<sup>a</sup> Maria Clara Macedo, sem esquecer o contributo da Dr<sup>a</sup> Carla Fonseca, na direção da BMAG, que lograram atingir para o evento um êxito claro dentro e fora da academia, atraindo o interesse de milhares de visitantes e demonstrando assim a cooperação essencial entre os organismos municipais que intervêm na sociedade civil e a Universidade. Agradecimentos redobrados também ao Prof. Doutor Rui Mendonça, designer da Mostra e responsável pela arquitetura do

espaço interior que acolheu na Biblioteca Almeida Garrett os “Tesouros Bibliográficos”, exibindo-os como verdadeira peças de arte, pelas magníficas fotografias que nos cedeu para este número.

Ao Senhor Pró-Reitor da U Porto, Prof. Doutor Manuel Janeira, um agradecimento sentido pelo apoio deste projeto desde a primeira hora, e pelo seu contributo em dois belíssimos textos a honrar as páginas deste número.

À Senhora Diretora da Faculdade de Letras da U Porto, o nosso caloroso agradecimento pelo excelente texto que de pronto nos cedeu para publicação e pelo acolhimento e apoio pessoais e institucionais que sempre nos mostrou.

Ao Senhor Presidente do Departamento de Estudos Anglo-Americanos da FLUP, Prof. Doutor Carlos Azevedo, igualmente pelo apoio incondicional que desde logo deu ao projeto, tratando-se de uma publicação pertencente ao próprio departamento, tendo-nos também honrado com a grande qualidade de um texto seu.

Ao Senhor Diretor dos Serviços de Documentação e Sistemas de Informação da FLUP, Dr. João Leite, editor e responsável pela Biblioteca Digital, acresce ainda registar a nossa gratidão, pelo incansável apoio na edição da *e-f@bulations*, desde o seu primeiro número, sem esquecer a colaboração constante dos técnicos do Gabinete de Informática na composição da revista.

A todos os autores e colaboradores, os que aqui figuram neste número e os outros tantos que preenchem as já longas páginas virtuais da revista, os nossos mais profundos agradecimentos. Contamos sempre convosco para novos desafios.

Chegar ao Natal é como chegar de novo a casa. À casa onde está a mãe, ou talvez também o pai... mas a mãe, sempre a mãe, que é a terra, a natureza, a árvore... quem sabe, a mesma que viu o Príncipe da Dinamarca ao chegar à “clareira de bétulas onde ficava a sua casa. E ao lado da casa, o grande abeto escuro, a maior árvore da floresta, estava coberta de luzes. Porque os anjos do Natal a tinham enfeitado com dezenas de pequeninas estrelas para guiar o Cavaleiro.” (Sophia de Mello Breyner, *O Cavaleiro da Dinamarca*).

Porto, 15 de dezembro de 2011